

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Reflexão

Crianças e jovens na Mídia

Carioca

Bibliotecas municipais recebem público recorde

ISSN 1676-5141



9 771676 51419 1



00019



Jogos Pan-americanos
Uma conquista da **PREFEITURA**.
Uma vitória do **RIO**.



Editorial _____	04
Crianças, jovens e mídia	
Cartas _____	05
Psicomotricidade, desperdício de água e profissão: professor	
Ponto e Contraponto _____	06
Raquel Salgado fala sobre a relação de crianças e desenhos animados	
Zoom _____	10
Antigos programas infantis que dão saudade	
Atualidade _____	12
Mudanças climáticas e o efeito estufa	
Pé na Estrada _____	16
Um retrato do Morro Santa Marta	
Capa _____	18
Como a criança e o jovem são retratados na TV e no cinema	
Olho mágico _____	25
Por dentro da 2º CRE	
Carioca _____	26
Recorde de público nas bibliotecas municipais	
Caleidoscópio _____	28
Kit DCN e Click TV	
Professor on-line _____	32
Plano de saúde do servidor	
Tudoteca _____	33
Livros e filmes que retratam a criança	



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
 CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriainmultirio@pcrj.rj.gov.br
 Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • **Élida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaira Miranda** - Gerente de multimídia

Equipe de Produção: **Alberto Jacob Filho** - Fotografia • **Cristina Campos, Joanna Miranda e Suely Barreto** - Conteúdo • **Erick Grigorovski, Eduardo Filipe e Marcus Martins** - Ilustração • **Elias Moraes** - Produção gráfica • **Marcus Tadeu Tavares e Marcelo Rocha** - Reportagem • **Martha Neiva Moreira** - Edição • **Nancy A. Soares e Mário de Oliveira** - Revisão • **Tânia Oliveira** - Projeto gráfico e editoração

Fotolitos e Impressão: **Esdeva Indústria Gráfica S/A** • Tiragem: **40 mil exemplares**

Capa - José Carlos Bianco, Patricia Bezerra, Beatriz Bezerra, Juliete Lopes, Wallace Farias e a professora Vanessa Medeiros Gomes da E.M. Shakespeare

NÓS

Desenho de Jéssica Oliveira Raimundo, do Ciep Doutor Ernesto "Che" Guevara, Campo Grande, Zona Oeste



DA ESCOLA



Nos últimos anos temos assistido a uma gradativa mobilização social relacionada às situações de vida da criança brasileira. Motivada, entre outros aspectos, pela aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, esta preocupação transforma-se em questão de direito. Direito não somente à vida, mas à vida com dignidade, com a garantia de acesso à cultura, à educação, à saúde e ao lazer, entre outros.

Passado o momento de luta pelas garantias legais, um segundo momento é a concretização desses direitos.

Este número da **Nós da Escola** irá debruçar-se justamente sobre o debate acerca das relações entre mídia, crianças e adolescentes e a melhoria da qualidade dos produtos oferecidos. Uma discussão que interessa particularmente a nós, educadores, que, na maioria das vezes assistimos, no cinema e na TV, imagens estereotipadas dessa diversidade que caracteriza o rico universo da infância e da adolescência com que convivemos diariamente.

Este também foi o eixo que orientou as discussões da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada de 19 a 23 de abril de 2004 e promovida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por intermédio da MULTIRIO. A mesma preocupação orienta os projetos de mídia estimulados pela parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e a MULTIRIO e realizados pelos alunos das escolas públicas municipais - vídeos, blogs, animações - revelam a visão de mundo dos jovens e das crianças do nosso tempo.

Portanto, torna-se mais do que pertinente indagar sobre a qualidade da mídia dirigida a nossas crianças – negras, índias, brancas, mestiças e portadoras de necessidades especiais. Em suas peculiaridades e culturas, elas estão aí a exigir o compromisso social de todos e de cada um de nós.



Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Psicomotricidade

Como autora de um dos livros citados por Joanna Miranda, gostaria de parabenizá-la pelo material simples e simpático na divulgação da Psicomotricidade (**Nós da Escola** nº 13). Porém, como também sou Psicomotricista Relacional, titulada pelo próprio André Lapierre, sugiro que se for citada a sua referência, que se inclua no texto algum material também dos livros citados, pois o texto está pautado apenas no meu livro (BUENO, J.M. Psicomotricidade: teoria e prática; Editora Lovise). Gostaria, também, de informar a autora que em breve estarão mais dois livros editados pela Lovise, além da edição revisada e ampliada deste último. Um abraço.

Jocian Machado Bueno @

Psicomotricista, Mestre em Educação

N.R. Agradecemos o elogio e a sua colaboração.

Água

Gostaria de parabenizá-los pelo trabalho realizado na revista **Nós da Escola**, que está excelente, trazendo informações muito coerentes para quem precisa estar sempre atualizado, como nós, professores. Estou especialmente interessada em comentar o artigo que trata sobre o desperdício de água potável no último número da revista. O artigo está muito bom e contém relatos de pessoas dizendo como estão economizando este líquido tão precioso. Só fiquei espantada com um senhor que comentou que economiza água lavando seu quintal todos os dias durante 10 minutos. Puxa, isso é um enorme desperdício, 10 minutos de água corrente todos os dias para lavar um quintal não é economia nenhuma. Num futuro próximo deveremos ter problemas sérios por conta da falta de água e lavar quintal todos os dias passará a ser um luxo caríssimo. Estou divulgando a matéria para quem eu conheço, mas sempre com essa ressalva. Continuem assim. Parabéns.

Marta C. Silva @

N.R. Nossa idéia ao publicar respostas variadas nesta seção é exatamente suscitar reflexões acerca do tema tratado.



Profissão professor

Gostaria de externar a minha satisfação ao ler as revistas **Nós da Escola**, em especial a de número 18. A matéria de capa, “Profissão professor: uma aposta no outro”, é um apoio, um incentivo, um acalento para nós professores que precisamos estar mais do que atualizados e seguros diante dessas crianças e desses jovens que a cada dia estão mais espertos e questionadores. Sabemos que educar não é algo tão fácil, mas é extremamente gratificante. **Nós da Escola** (nº 18) além de bem apresentada está prática, funcional e “pé-no-chão”, a começar pelas palavras da Sr^a Secretária Municipal de Educação, Professora Sonia Mograbi.

Erika Ferraz Ueoka @

Equipe da E/10ª CRE - Divisão de Recursos Humanos



Carta



Telefone



@E-mail

Crianças e super-heróis



Para as crianças, o ato de assistir à TV envolve muito mais jogo, brincadeira, ação e movimento do que uma atitude tradicional de telespectador diante da telinha. A afirmação é de Raquel Salgado, professora da área de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que está estudando a relação das crianças com os desenhos animados. De acordo com a sua tese de doutorado, em andamento, “O brincar e os desenhos animados: um diálogo com os super-heróis mirins”, a diferença mais visível dos heróis-mirins de hoje em relação aos super-heróis do passado, como Batman, Superman e Mulher Maravilha, é que os atuais são crianças superpoderosas e muito mais próximas da realidade do nosso dia-a-dia. “São crianças e heróis que vão à escola, recebem bronca dos pais, ficam de castigo, desobedecem, reclamam por carinho e atenção e burlam as leis dos adultos. Mas, ao mesmo tempo, são crianças e heróis capazes de grandes feitos, como salvar a cidade de inimigos poderosos, criar maquinarias e aparatos eletrônicos que permitem comunicações interplanetárias”. Embora acredite que haja uma dimensão educativa nos desenhos, a pesquisadora destaca que os produtores de desenhos animados estão interessados, muito mais do que educar, em propor desafios às crianças e desconstruir papéis estabelecidos. O que, na sua avaliação, é necessário e instiga cada vez mais as crianças a assistirem aos desenhos.

Por que as crianças gostam de desenhos animados?

O sucesso dos desenhos animados entre as crianças não é um fenômeno recente. Desde a década de 60, eles são os programas favoritos da garotada. Este sucesso se deve ao fato dos desenhos terem como uma de suas principais características a linguagem lúdica. Costumo dizer que os desenhos, em geral, são convites às crianças para o jogo. Mais do que um entretenimento televisivo, eles carregam discursos, seja por meio dos personagens ou de suas aventuras que podem ser traduzidas

em jogos e brincadeiras. Atualmente, essa relação entre desenho animado, jogo e brincadeira da criança está cada vez mais visível. Na nossa realidade midiática, não há como separar o desenho que passa na TV dos games eletrônicos e dos jogos disponíveis no mercado. Em uma linguagem totalmente multimedial, a criança hoje assiste ao desenho e brinca com ele, jogando um game ou manipulando os bonecos de seus personagens. No trabalho de pesquisa que desenvolvi com crianças pequenas (de quatro a seis anos), já pude observar que há crianças que brincam enquanto assistem aos desenhos. Para elas, a ação de assistir à TV envolve ▶

Costumo dizer que os desenhos, em geral, são convites às crianças para o jogo. Mais do que um entretenimento televisivo, eles carregam discursos, seja por meio dos personagens ou de suas aventuras que podem ser traduzidas em jogos e brincadeiras

\\ Há uma dimensão educativa nos desenhos animados, principalmente se considerarmos o aspecto ético dos valores que podem ser construídos quando a criança interage com eles. Isto, por outro lado, não pode se confundir com um tipo de pedagogia diretiva, onde o desenho animado traz valores e modelos determinados que serão copiados pela criança, no sentido de afetar e modelar sua conduta

muito mais jogo, brincadeira, ação e movimento do que uma atitude tradicional de telespectador diante da telinha.

Os desenhos animados podem ser vistos como instrumento pedagógico para transmitir valores éticos e modelos de comportamento?

Há uma dimensão educativa nos desenhos animados, principalmente se considerarmos o aspecto ético dos valores que podem ser construídos quando a criança interage com eles. Isto, por outro lado, não pode se confundir com um tipo de pedagogia diretiva, onde o desenho animado traz valores e modelos determinados que serão copiados pela criança, no sentido de afetar e modelar sua conduta. Entendo que os desenhos têm coisas a dizer para as crianças. Eles trazem uma visão do que é ser criança no mundo em que vivemos e de como o adulto vê a criança, a brincadeira e o jogo infantil. No entanto, estas visões não são definitivas. Estas visões ganham vida no momento em que a criança as interpreta a seu modo e, com elas e a partir delas, constitui seus valores e formas de se inserir na vida social.

Existe alguma preocupação dos produtores de desenhos animados em criar histórias com mensagens politicamente corretas?

É muito comum os adultos definirem o que é importante e bom para a criança ver na TV. Em geral, os critérios se baseiam em concepções pedagógicas orientadas por princípios psicológicos sobre o desenvolvimento e a aprendizagem. Sem desconsiderar o valor educativo que isso tem, até porque sempre são os adultos que produzem, criam e definem os programas de TV, os livros, os brinquedos e todos os outros produtos culturais que as crianças consomem, acho muito mais interessante tentarmos saber o que as crianças gostam ou gostariam de ver na TV e que sentidos elas estão construindo ao consumirem estes produtos. Em relação à produção dos desenhos animados, não saberia dizer se esta preocupação existe entre os produtores. Acho que a perspectiva da criança como consumidora, exigente

e ícone da nova geração, é o que se coloca como critério no campo da produção de mídia. Muito mais do que educar a criança, os produtores de desenhos animados estão interessados em propor desafios aos pequenos e desconstruir papéis estabelecidos.

Quem são os atuais modelos/heróis dos desenhos animados?

Em contraste com a maioria dos desenhos animados de décadas anteriores, hoje temos como heróis crianças com superpoderes, como é o caso das Meninas Superpoderosas e de Goku, em Dragon Ball; pequenos gênios, como Dexter e Jimmy Neutron; meninos e meninas astutos, que desafiam o medo e enfrentam qualquer obstáculo com suas sabedorias e estratégias, como Ash, do Pokémon; os Digiescolhidos, do Digimon, entre outros. Estes são alguns exemplos dos grandes heróis da garotada de hoje, crianças como nossas crianças de carne e osso.

Os heróis de hoje são diferentes dos heróis do passado?

Talvez a diferença mais visível dos heróis-mirins de hoje em relação aos super-heróis do passado, como Batman, Superman e Mulher Maravilha, seja o fato de os atuais serem crianças superpoderosas, mais próximas da realidade do nosso dia-a-dia. Eles vão à escola, recebem bronca dos pais, ficam de castigo, desobede-

cem, reclamam por carinho e atenção, burlam as leis dos adultos, mas, ao mesmo tempo, são capazes de grandes feitos - impossíveis para os adultos -, como salvar a cidade de inimigos poderosos, criar maquinarias e aparatos eletrônicos que permitem comunicações interplanetárias, manipular com maestria os segredos do mundo virtual, viajar pelo mundo em busca de aventuras com seres estranhos sem a presença e o suporte dos adultos. Esta mescla de realidade com fantasia, tendo a criança como o eixo dos feitos heróicos, talvez seja o ingrediente especial que faz com que os desenhos animados atuais tenham estreita conexão com o imaginário infantil. E a autonomia e a independência que estes pequenos heróis apresentam em relação aos adultos despertam, e muito, o interesse das crianças.

Os pais devem se preocupar com o que os seus filhos assistem e com os seus heróis?

A participação dos pais junto ao que a criança assiste na TV é fundamental. No entanto, acho que ela não deve se limitar à definição de restrições em termos do que a criança pode ou não pode ver na TV. O mais interessante nessa participação é o diálogo entre pais e filhos como possibilidade de negociar sentidos, valores e conhecimentos sobre o que se assiste na TV. É óbvio que nós adultos temos opiniões e formas de olhar para um programa que são diferen-

tes dos olhares das crianças. Muito mais importante do que convencê-las a ver uma coisa e não ver outra é trocar os muitos sentidos possíveis sobre o que se assiste na TV.

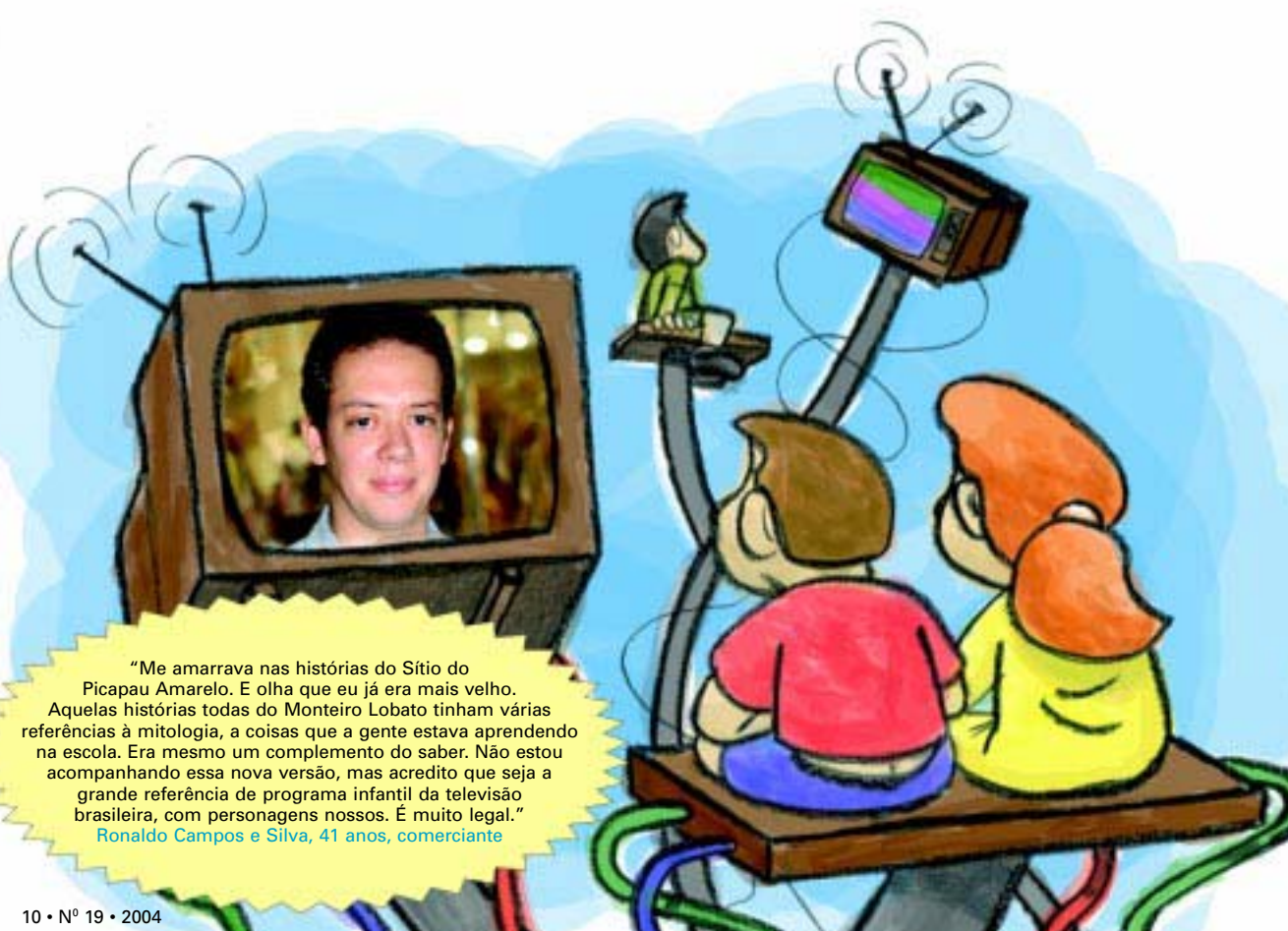
Como você avalia a questão do consumo de mercadorias relacionadas aos desenhos animados?

A conexão entre desenho animado e merchandising é muito intensa. A cada novo desenho lançado na TV, um boneco, um game, um tênis, uma blusa, uma mochila e uma infinidade de produtos são lançados no mercado. Sem dúvida, a meta que se coloca é o consumo, e o consumo deste pequeno cidadão que é a criança. Para melhor ilustrar esta relação e como a criança a vive, trago aqui uma discussão que surgiu no grupo de crianças com o qual trabalhei. Ao brincar com o jogo de carta do Yu-Gi-Oh! (desenho animado), as crianças estabeleceram quem poderia ou não participar. Os meninos que tinham os decks (baralhos) dos personagens dos desenhos diziam que aqueles que não assistiam ao desenho animado não podiam jogar, assim como aqueles que não tinham os decks não podiam opinar sobre o desenho. Tanto o desenho quanto os aparatos do jogo funcionam como pré-requisitos para participar de um mundo ou de outro, tanto do jogo quanto do desenho propriamente dito. O consumo, neste caso, é uma regra de inclusão e exclusão. É o ingresso necessário para entrar e participar dessas esferas sociais. De fato, temos aí uma relação problemática que envolve uma dimensão ética de como o requisito do consumo passa a ser para a criança um valor que define as relações sociais que ela estabelece com o outro. Esta é uma questão importante para a educação do nosso tempo que nos leva a pensar em formas de intervenção junto às crianças e que possam suscitar espaços de reflexão e diálogo sobre o que consumir significa para as nossas vidas. ■

\\ Talvez a diferença mais visível dos heróis-mirins de hoje em relação aos super-heróis do passado, como Batman, Superman e Mulher Maravilha, seja o fato dos atuais serem crianças superpoderosas, mais próximas da realidade do nosso dia-a-dia. Eles vão à escola, recebem bronca dos pais, ficam de castigo, desobedecem, reclamam por carinho e atenção, burlam as leis dos adultos, mas, ao mesmo tempo, são capazes de grandes feitos //

Túnel do tempo

A qualidade dos programas infanto-juvenis apresentados pela televisão brasileira é alvo de discussões calorosas. Afinal, são produtos que possuem uma força de consumo irresistível e fascinante. O tema está mais uma vez em evidência, com a cidade do Rio de Janeiro recebendo a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, o mais importante fórum internacional de debates sobre as produções realizadas nos quatro cantos do planeta e destinadas a esse público. A revista **Nós da Escola** reabre o baú da memória e pergunta, aos não tão jovens assim, qual o programa infanto-juvenil predileto de sua época, aquele que traz boas recordações e que, segundo os entrevistados, tinham qualidade pra dar e vender. Afinal, é sempre bom lembrar o que se fez no passado para compreender e aprimorar o que fazer no futuro. Nossa enquete revela uma preocupação em comum: a violência explícita das produções infantis atuais. Confira.



“Me amarrava nas histórias do Sítio do Picapau Amarelo. E olha que eu já era mais velho. Aquelas histórias todas do Monteiro Lobato tinham várias referências à mitologia, a coisas que a gente estava aprendendo na escola. Era mesmo um complemento do saber. Não estou acompanhando essa nova versão, mas acredito que seja a grande referência de programa infantil da televisão brasileira, com personagens nossos. É muito legal.”

Ronaldo Campos e Silva, 41 anos, comerciante

"Me encantava com as histórias e os personagens do Teatro Troll. Tinha aquela coisa de vilões, príncipes, bandidos e mocinhas, mas tudo contado de uma maneira leve, sem essa violência que impera nos desenhos de hoje. Percebi, depois de mais velho, que as histórias eram representações de grandes textos da literatura mundial, como Shakeaspeare."

Carlos Silva, 50 anos, médico

"Sempre fui ligada em desenhos do tipo Nacional Kid, mas hoje em dia não vejo mais graça nenhuma nesses desenhos japoneses. E também adorava o Vigilante Rodoviário. Não tinha essa violência totalmente explícita que reina na televisão atual. Uma coisa que me fascinava era um certo clima de suspense, que prendia a atenção da garotada. Por que será que mudou tanto?"

Lilian Zaremba, 49 anos,
pesquisadora em Comunicação

"Adorava ver desenhos, principalmente os do Pica-Pau, dos Flintstones e do Pernalonga. Os desenhos de agora são muitos violentos. Na minha época era outro tipo de violência. O carro passava em cima do personagem, mas, logo em seguida, você via que nada tinha acontecido com ele. Esse pequeno detalhe dava um alívio para mim fora do comum. Ficava uma sensação de que aquela cena ruim não fazia parte da nossa realidade, era brincadeira mesmo."

Rosângela Madalon, 37 anos, estudante

"Sou do tempo do circo. Minha grande lembrança era o palhaço Carequinha, que mais tarde acabou indo parar na televisão. Ele tinha um programa maravilhoso, apaixonante. Tinha teatro, grandes encenações e era muito voltado para as crianças, que adoravam a simplicidade das histórias. Foram programas fantásticos e inesquecíveis. Pena que o circo não tenha mais vez na televisão de hoje."

Clóvis Franco Ramos, 50 anos,
funcionário público

Rio (cada vez mais) 40 graus

Conheça os danos que a elevação da temperatura está causando - e ainda vai causar - ao ecossistema de nosso planeta

Verão, inverno, primavera ou outono. Prepare-se para dias quentes, seja qual for a estação. Isto porque, segundo a organização ambientalista WWF Brasil, o mundo está sofrendo seu aquecimento mais rápido dos últimos 10 mil anos. Para se ter uma idéia, as temperaturas estão ficando acima da média há 23 anos consecutivos e devem aumentar em até 5,8 graus Celsius até 2100. “A comunidade científica está preocupada, principalmente com alguns fenômenos temporais, como chuvas intensas”, avalia a professora Maria Gertrudes Alvarez Justi da Silva, do Departamento de Meteorologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cidades tropicais, como o Rio de Janeiro, serão as mais afetadas por essas mudanças climáticas causadas pela ação do homem: resultado, principalmente, da queima de fósseis, como carvão, gás e petróleo, para a obtenção de energia.



Esses processos liberam no ar o dióxido de carbono (CO₂), responsável por 80% do aquecimento global (veja boxe na página 15). Cerca de 23 bilhões de toneladas desse gás são despejados na atmosfera a cada ano, ou seja, mais de 700 toneladas por segundo.

“Nos causa muita apreensão a possibilidade de que a reversão desse quadro será conquistada muito lentamente. A diminuição de taxas de emissões de determinados gases não é sentida rapidamente, pois a quantidade deles na atmosfera já vem se acumulando por muitos anos. Além disso, o CO₂, por exemplo, tem um tempo de permanência na atmosfera de mais de 100 anos. Grande parte do dióxido de carbono lançado na Inglaterra no início da industrialização humana ainda permanece no ar”, alerta a professora Maria Gertrudes.

Efeitos - Além de verões tórridos, com danos à saúde, o aquecimento global já está surtindo efeitos extremamente perigosos ao ecossistema de nosso planeta. O aparecimento de grandes manchas e até mesmo a morte de recifes de corais, em regiões como a costa da Austrália, é um deles, devido à elevação da temperatura dos oceanos. Vale lembrar que a morte de corais ameaça seriamente peixes, moluscos, crustáceos, tartarugas e baleias, que dependem deste *habitat* para sobreviver. Sua perda também aumenta a vulnerabilidade das zonas costeiras a ressacas, maremotos e furacões.

Outros efeitos podem ser sentidos na região dos Alpes, no continente europeu, onde várias espécies de plantas estão sucumbindo ao calor ou lutando para deslocar-se em direção a locais mais altos e frescos. Nos pólos, ursos estão perdendo moradia, com o derretimento de grandes calotas de gelo. Até mesmo fenômenos naturais, como o famoso El Niño, comum há vários séculos, estão se intensificando, causando danos econômicos vultosos devido a perdas na agricultura. ►



Interessante.
A Universidade Federal do Rio de Janeiro faz previsões do tempo para todas as cidades do Estado do Rio de Janeiro e para todos os bairros de nosso município, em caráter experimental. Este serviço pode ser consultado pela Internet, no endereço www.1pm.meteoro.ufrj.br. Confira.

A médio e longo prazos o quadro é assustador, como aponta relatório divulgado no início deste ano pelo Pentágono, o Departamento de Defesa norte-americano. Segundo o estudo, publicado pela revista "Fortune" - especializada em economia -, vários países perderão extensas terras ou até mesmo sumirão do mapa, com o aumento de até um metro no nível dos mares previsto para os próximos 25 ou 30 anos. Filipinas, Índia, Cuba, Egito e o estado norte-americano da Flórida terão boa parte de suas áreas produtivas inundadas. Holanda e Bangladesh serão quase inabitáveis. Nações-ilha, como República das Maldivas, na Ásia, e Samoa Ocidental, na Oceania, podem simplesmente desaparecer. O relatório alerta ainda que o aquecimento global poderá originar violentas guerras pelo fornecimento de alimentos, água e energia, numa grande ameaça à paz mundial.

Protocolo de Kyoto - E o que o mundo está fazendo para reverter esse quadro? A resposta está na mesa de negociações do chamado Protocolo de Kyoto, o único acordo mundial em pauta para tentar minimizar os efeitos da poluição que causa o aquecimento global. Trata-se de um documento de intenções que prevê a diminuição da emissão de CO₂ até o ano de 2012, principalmente por parte dos países industrializados.

O protocolo surgiu na Convenção sobre Mudanças Climáticas, durante a Eco 92, no Rio de Janeiro, e foi aprovado e assinado em dezembro de 1997, na cidade de Kyoto, no Japão. Prevê a queda de 5% nos níveis de emissão de dióxido de carbono, tomando como base o ano de 1990. O documento depende de dois importantes fatores para tornar-se válido. O primeiro é que 55 países-membros da convenção aceitem, ratifiquem e aprovem o texto de intenções. O segundo, é que devem estar incluídas nesta lista as nações industrializadas, que juntas somam 55% das emissões totais de CO₂.



Proteja-se

Altas temperaturas são um perigo à nossa saúde. "Em cidades onde o verão é forte e praticamente permanente, como é o caso do Rio de Janeiro, os cuidados devem ser redobrados", alerta a dermatologista Inara Nóbrega de Matos. Doenças ou problemas decorrentes da exposição excessiva ao sol, como câncer de pele, desidratação ou manchas pelo corpo, podem ser evitadas. Confira as dicas da dermatologista para se proteger no verão.

- Use filtro solar nº 15 diariamente, chova ou faça sol.
- Ao se expor diretamente à luz solar, use fator de proteção nº 30, ou mais.
- Proteja-se com boné, viseira ou guarda-sol.
- Cuide de sua visão utilizando óculos escuros.
- Evite exposição ao sol entre o período das 11 às 16 horas.
- Utilize roupas leves e claras, preferencialmente de algodão.
- Aumente a ingestão de líquidos, como água e sucos naturais.

Mas, o maior emissor de dióxido de carbono do mundo, os Estados Unidos - responsável por cerca de 25% do despejo desse gás na atmosfera - retirou sua assinatura do Protocolo de Kyoto e coloca entraves na discussão do assunto. Além de ter ido contra a posição de seu antecessor, Bil Clinton, o atual presidente americano, George W. Bush, tem minimizado o fenômeno do aquecimento global e questionado os cálculos da comunidade científica. Com isso, o impasse está criado e nem mesmo os ruidosos protestos internacionais fazem norte-americanos repensarem sua polêmica decisão.

Diante dessas condições, os resultados não são muito animadores, mesmo levando em consideração recentes adesões, como a do governo canadense. Até agora, a grande maioria dos países que ratificaram o protocolo faz parte do bloco de nações em desenvolvimento, como Brasil e Índia, que só passarão a ter obrigatoriedade na diminuição de suas emissões de CO₂ a partir de 2020, pois, comprovadamente, emitem quantidades infinitamente menores que as nações ricas.

Várias ONGs de proteção ambiental - como a WWFBrasil e o Greenpeace - estão se mobilizando e pressionando as grandes potências a aderirem ao protocolo. A professora Maria Gertrudes reconhece que esses esforços são válidos. “Mas, as metas estabelecidas são muito tímidas, tendo em vista que demorará um longo tempo para que as diminuições propostas tenham efeitos concretos no sistema climático”, conclui. Nova rodada de negociações está marcada para setembro, quando a cidade de Johannesburgo, na África do Sul, sediará a conferência Rio+10 - Cúpula Mundial de Desenvolvimento Sustentável. É bom ficarmos atentos, nosso futuro está em jogo. ■



Saiba mais

WWF Brasil - <http://www.wwfbrasil.org.br>

Greenpeace - <http://www.greenpeace.org.br>

Departamento de Meteorologia da UFRJ - <http://www.meteorologia.ufrj.br>

Biomania - <http://www.biomania.com.br>



Entenda o aquecimento global

Alguns gases presentes naturalmente na atmosfera terrestre - como o CO₂ - funcionam como uma capa protetora que impede que o calor absorvido pela radiação solar se perca no espaço, mantendo um equilíbrio térmico sobre o nosso planeta. Sem o carbono, produzido através da respiração e pela decomposição de plantas e animais, a Terra seria coberta de gelo. A esse fenômeno benéfico se dá o nome de efeito estufa, fundamental para a existência de vida em nosso planeta. Sua importância pode ser sentida se verificarmos que a Lua sofre variações térmicas de mais de 150 graus Celsius num mesmo dia por não contar com o benefício desse efeito, pois não possui atmosfera.

O problema que enfrentamos é a quantidade excessiva principalmente de CO₂ no ar devido à ação do homem. Estima-se que em 1850 a quantidade desse gás na atmosfera era de 270 ppm. Hoje, essa quantidade é 33% superior, chegando a 360 ppm. Além do dióxido de carbono, grandes quantidades de dióxido de enxofre (SO₂), de chumbo (Pb), de óxidos de azoto (NO e NO₂) e de ozônio (O₃) são responsáveis pelo desequilíbrio do efeito estufa. Esses gases são liberados pelo homem na queima de combustíveis fósseis, em desflorestamentos, na fabricação de cimento, no cultivo de arroz, na produção de nylon, na queima de biomassa e na utilização de clorofluorcarbonos (CFCs), presentes em aerossóis, espumas e aparelhos de ar-condicionado.

O valor da ousadia

CD-ROM elaborado por alunos da E.M. Joaquim Nabuco relata a história da comunidade do morro Santa Marta e ganha o prêmio Comdedine de Pesquisa Escolar 2003

Conhecer, explorar e contar a história de uma comunidade carente era um sonho antigo da professora Isabel Gonçalves Lepedjian. A idéia, porém, estava engavetada, afinal as dificuldades para levar adiante um projeto como esse seriam grandes. Mas, ao tomar conhecimento do tema do Prêmio Comdedine 2003 - “A importância do negro na história do município do Rio de Janeiro, da abolição da escravidão aos dias atuais” -, Isabel perce-

beu que poderia arregaçar as mangas e inscrever-se no concurso, por meio de um projeto em formato CD-ROM, dentro da categoria audiovisual.

O primeiro passo foi a criação de uma equipe de trabalho junto aos alunos da E.M. Joaquim Nabuco (2ª CRE), em Botafogo, onde a professora dava aula de história e, hoje, é coordenadora pedagógica. Seguindo as regras da premiação, que limita o número de participantes por trabalho, três alunas foram escolhidas para tocar o projeto: Tayná da Silva Izaú, Cristiane Soares Nogueira e Ligia Cibelle Alves Barbosa, todas da turma 803. “Com a equipe formada, optamos por retratar a comunidade do morro Santa Marta. Primeiro, porque é o local de origem de parte de nossos alunos e, segundo, pela proximidade com a escola”, conta Isabel.

A partir daí, as pesquisas ganharam força e a equipe foi a campo durante todo o mês de junho de 2003. “Subimos o morro várias vezes, munidas de gravador e máquina fotográfica. Colhemos dados e imagens, descobrimos histórias, conhecemos personagens fantásticos e nos surpreendemos com a realidade daquela gente”, conta a professora, que não esconde o pavor que teve em caminhar pelas íngremes escadas do Santa Marta. “Por ironia, sofro de labirintite. Mas, em compensação, fomos muito bem recebidas e tudo se tornou um aprendizado maravilhoso.”

Entre as “descobertas” da equipe está o Grupo Eco, que luta para inserir os jovens da comunidade do morro Santa Marta na escola, no mercado de trabalho, nas atividades de lazer e cultura. “Outro achado foi o morador Itamar Silva, que nos indicou pessoas, contou histórias e nos mostrou que em uma área carente há uma tolerância muito interessante com as diferenças”, explica Isabel.

A professora e as alunas se depararam ainda com os problemas comuns de uma comunidade carente, como a falta de água encanada, esgoto a céu aberto e as constantes quedas do sistema de iluminação. Tudo documentado.

O olhar das meninas

“Este trabalho foi muito produtivo, aprendi certas coisas que duraria muito tempo para aprender. Por exemplo, ser humilde, ser feliz, apesar das dificuldades, e respeitar as pessoas independente de quem seja.”

Tayná da Silva Izaú, 16 anos

“Mostramos a realidade. Subimos o morro, sentimos o que é morar lá e procuramos fazer com que as pessoas da comunidade se sentissem importantes. Longe da discriminação de quem não mora no morro, contamos a história da comunidade do Santa Marta.”

Cristiane Soares Nogueira, 15 anos

“Adorei esse trabalho, porque além de gostar muito do tema, fizemos de uma forma interessante, o CD-ROM. O melhor foi ter conquistado o primeiro lugar, coisa que nem eu, nem minhas amigas, pensávamos em ganhar. O trabalho ficou tão interessante que até esquecemos que era um concurso.”

Ligia Cibelle Alves Barbosa, 16 anos

Com esse material em mãos, a equipe da Joaquim Nabuco deu início à composição do CD-ROM, contando com a ajuda do web-designer Anderson Dias Barsante. “Foi um verdadeiro parto. Choramos junto ao Comdedine para aumentar os prazos e pensamos até em desistir desse formato e entregar o trabalho como uma monografia. Mas, no final tudo deu certo e, para nossa total surpresa, ficamos com o primeiro lugar”, comemora a professora. Como prêmio, alunas e orientadora foram contempladas, em novembro passado, com uma viagem para a Serra da Barriga, em Alagoas, onde se instalou, no século XVII, o Quilombo dos Palmares. O lugar foi tombado e hoje abriga o Parque Nacional de Zumbi.

O trabalho vencedor pode ser conferido no blog da escola e rendeu não só a premiação, mas também uma lição de vida aos participantes. “Minha impressão final é que o cotidiano dessa comunidade tornou-se uma verdadeira história de resistência, de sobrevivência mesmo. Da ocupação ilegal, única solução para muitos no início da década de 1930, até os dias de hoje, foram muitas dores, muitas perdas”, revela Isabel. “Nosso trabalho mostrou que a aproximação da comunidade com a escola pode ser um caminho. Porque a Joaquim Nabuco, definitivamente, conquistou um espaço lá em cima”, finaliza. Não há dúvidas disso, professora Isabel. ■



Escola Municipal Joaquim Nabuco
2ª Coordenadoria Regional
de Educação
Rua Dona Mariana, 148 – Botafogo
Tel.: (21) 2539-8600
Blog: http://www.multirio.rj.gov.br/multirio/curso_internet/santa_marta/index.htm



Prêmio Comdedine

O Prêmio Comdedine de Pesquisa Escolar é concedido anualmente pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro. A premiação é voltada aos alunos das escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro, que se expressam por meio de desenhos, colagens, histórias em quadrinhos, textos e recursos audiovisuais. O júri do concurso é formado por integrantes da comissão de Educação do Comdedine e por representantes da Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de Ensino Fundamental. A edição de 2003 buscou incentivar as escolas a trabalharem a importância de personalidades negras na história do município, na região ou bairro onde se localizam, disseminando, assim, a contribuição do negro para a construção da sociedade e da cidadania brasileiras.



Mídia e Educação: desafio do milênio

Educação, comunicação e novas tecnologias. A tríade que resume um dos principais desafios do novo milênio. Desafio porque se por um lado todo o aparato tecnológico permite que se estabeleça uma comunicação mais diversificada, pelo aproveitamento das diferentes linguagens que oferece, formatações e canais de produção e circulação de novos conhecimentos, por outro se constitui em um objeto cujos efeitos precisam ser constantemente avaliados. Como escreve Maria Aparecida Baccega, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo: "o mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo que nos chega editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que apareça na rádio, na televisão, no jornal (na internet) ou na fala de vizinhos e nas conversas dos alunos."

Ao ‘redesenhar’ o mundo, a mídia (ou dimensão mídia, como já vem sendo conhecida) cria novas regras, cria demandas e forja desejos, difunde conceitos, valores e, assim, influencia padrões de comportamento de crianças, jovens e adultos. Por isso mesmo, poderia contribuir para o crescimento individual e coletivo ao inspirar, informar e entreter com qualidade. No entanto, o quadro que se apresenta não é bem este. Na opinião de muitos especialistas, estamos todos, de uma forma geral, excluídos de uma mídia de qualidade. Não tanto pela dificuldade de **acesso aos diferentes meios**, mas por uma oferta de produtos que muitas vezes é medíocre e preconceituosa em relação a gênero, etnia, valores espirituais, éticos, políticos e estéticos. Esta oferta de produtos, de idéias e de comportamentos, nas diferentes mídias, é especialmente perversa se não considera as pessoas como sujeitos livres e diferentes entre si, donos de seus desejos e de escolhas. Vendem-se “verdades” com peso de unanimidade, como únicas e/ou as melhores e, por conseguinte, aquelas deveriam ser devoradas sem crítica.

Por conta disso, ninguém duvida que ainda há muito o que se refletir sobre o tema, principalmente quando se sabe que crianças e jovens são consumidores vorazes dos mais diferentes produtos que a mídia oferece. Ver televisão, ir ao cinema ou assistir vídeos e acessar sites na internet são os programas preferidos de muitos daqueles que ainda não chegaram a idade adulta. Eles se informam e interagem com o mundo por meio da mídia, especialmente da televisiva. É responsabilidade e dever de cada um de nós, pais, professores, educadores e profissionais de mídia em geral, refletir sobre o impacto do que é veiculado nos programas de TV, nos filmes, sites etc. sobre nossas crianças e jovens. E, refletir sobre o impacto significa pensar de imediato no produto em si - o que é, como ele é produzido, para que e para quem.

Muitos profissionais já estão se dedicando a este debate (ver box). Eles se perguntam, entre outras questões, que ‘cara’ tem a criança e o jovem que a mídia apresenta? Será que cada um deles consegue se reconhecer nos programas e filmes que vêem? Que responsabilidades têm aqueles que produzem para e com essa faixa etária? Na opinião de Ivana Bentes, professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estamos vivendo um momento em que tomamos consciência do poder da mídia e da nossa possibilidade de intervir no que é produzido. “Até então a mídia parecia estar fora do debate político e social. Na verdade ela é um espaço público coletivo.”

Estereótipos - E quando se trata da relação entre crianças e jovens e toda essa nova dimensão, que é a da mídia, saber que podemos e devemos cobrar qualidade é fundamental. Hoje, mais do que nunca, crianças e jovens não são apenas espectadores mas também personagens de muitos produtos que a TV, o rádio, o cinema, a internet etc. oferecem. Personagens que na opinião de pesquisadores, têm a ‘cara’ que o adulto imagina que tenha a infância e a juventude no nosso País; imaginam que crianças e jovens tenham certas ‘caras e padrões’ ou expressam o que gostariam que eles tivessem. “No passado (e em alguns casos ainda hoje) existia uma tendência a representar as crianças como ingênuas, em linguagem “tatibitate”, ►

A MULTIRIO acaba de lançar o jogo ClickTV, para alunos de 5ª a 8ª séries da Rede Pública Municipal. Criativamente, de forma lúdica e bastante atraente, alunos e professores poderão discutir, enquanto jogam, questões sobre a programação televisiva, como temas, formatos, público-alvo e horário.

Hoje, segundo pesquisa do IBGE (2001), 87% dos brasileiros possuem um ou mais aparelhos de TV, 88% sintonizam alguma emissora de rádio e o número de jornais circulantes e de usuários da internet cresce vertiginosamente

como se não tivessem opinião própria, ou capacidade para pensar e refletir. Com o jovem acontecia algo parecido, e ele acabava sendo retratado de forma associada quase que exclusivamente à idéia de rebeldia e alienação”, completa Sirlene Reis, diretora executiva do Miadiativa (Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes), criado em 2002 com a missão de promover o pensamento crítico sobre a mídia e contribuir para a melhoria da qualidade da programação televisiva e demais mídias eletrônicas destinadas a crianças e adolescentes.

Para especialistas do Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Comunicação (Lapic), da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, a concepção de adolescente vigente na mídia é a mesma que permeia o imaginário dos adultos e é suportada amplamente pela psicologia. Nela está presente a idéia de adolescência como uma etapa marcada por conflitos e crises, associada a questões ligadas à sexualidade, além de se caracterizar por crise de identidade, afastamento da família e necessidade de aprovação do próprio grupo. “Além destes aspectos, poderíamos elencar uma série de outras marcas que impõem a este período características naturais e universais, como se os comportamentos dos jovens e a sua própria subjetivação estivessem desconectados das condições históricas e sociais”, acreditam.

No cinema, especialmente em produções brasileiras, a imagem de adolescência que normalmente prevaleceu é a do menor delinqüente, problemático. *Pixote, a lei do mais fraco* (1981), do diretor Hector Babenco, é um dos primeiros filmes que trabalham com a criminalização do menor e estabelece uma fronteira entre a idéia de criança amada pela família e aquela que se torna problema de estado. A safra mais recente - *Como nascem os anjos* (1996), de Murilo Salles, e *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles - só vêm, segundo Ivana, reforçar este estereótipo, do menor delinqüente. Em alguns filmes mais antigos, como *Couro de Gato* (1961), do diretor Joaquim Pedro de Andrade, a problemática do menor aparece de uma forma um pouco diferente, como explica a professora: “Couro de Gato é um filme muito bonito e questionador, onde a criança aparece, pela primeira vez, como portadora de futuro.”

Quando se analisa a forma como a mídia vem retratando a criança e o jovem, o grande problema é exatamente o reforço e criação de estereótipos, seja na ficção, no jornalismo ou na publicidade. “A mídia dita que não se pode ser gordinho, tem de ser perfeito, se enquadrar no grupo, ter um determinado padrão de consumo ou de comportamento, senão não serve”, observa Sirlene Reis. Não há dúvidas que os segmentos sociais que sofrem preconceitos precisam ter a sua realidade contextualizada. “O impacto de não aparecerem é ruim, porque parece que são exceções, e não fazem parte da nossa vida, especialmente os deficientes. A busca por uma aproximação com os modelos impostos pela mídia, que se transformam em objetos de desejo, por seu valor estético ou de consumo, pode gerar frustrações e revolta, desencadeando desajustes de naturezas diversas”, escreve a equipe do Lapic.

Shopping center - Para Sirlene, as produções feitas para e com a faixa que vai de sete a 12 anos é a que mais a preocupa. Ela explica que a faixa de zero a seis anos não é tão presente na

Segundo a professora Ivana Bentes, a figura da criança passou a interessar a mídia a partir da década de 1970, quando houve uma mudança de percepção do mercado que, até então, era voltado especialmente para o público jovem.

mídia como as demais. “Seja na ficção ou no jornalismo, estas crianças estão menos expostas. Há muito pouco tempo se fala desse público como audiência efetiva, embora isso já esteja dando sinais de mudança e já existem até canais especialmente dirigidos a ele, com programas melhores e menos nocivos.” A partir dos sete anos, no entanto, a criança começa a ter uma percepção mais apurada sobre os significados dos valores que regem a sociedade. Ela começa a

questionar, a refletir com mais independência. E o que é mais preocupante, sobretudo para os pais, essa criança começa a ter mais independência em suas escolhas, o que a deixa mais exposta a conteúdos muitas vezes impróprios, seja pelo bombardeamento de apelos de consumo, seja na forma como aparecem na ficção”, diz.

Eduardo Monteiro, coordenador do Núcleo de Mídia e Educação do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, Zona Sul do Rio, acredita que a mídia, na verdade, funciona como um grande “shopping center de identidade (coisas que queremos ser, personalidades que queremos assumir, maneiras de ver o mundo). “Em uma sociedade de consumo como a nossa, ela está, sem dúvida, a serviço do mercado. Mesmo assim, ele não encara a mídia como um bicho-papão. “É uma forma de expressão social e cultural da nossa época, que tem uma variedade enorme de produções e traz as diferenças para serem vistas”, diz. Neste sentido, o trabalho de mediação é indispensável. Ele diz que é preciso estar atento aos ►

O projeto Juro que Vi, da MULTIRIO, é um exemplo de produção que aproveitou a riqueza do universo infantil ao criar quatro filmes de animação, todos sobre lendas brasileiras, com a participação de alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio (ver site www.multirio.rj.gov.br)

Bate-papo - Cao Hamburger

O Castelo Rá-Tim-Bum foi uma das produções mais bem sucedidas da televisão brasileira. Referência de qualidade quando se fala em programação para o público infanto-juvenil, a série, produzida pela TV Cultura, de São Paulo, ganhou vários prêmios nacionais e internacionais. Durante os anos que foi ao ar, de 1996 a 2001, a série foi dirigida por Cao Hamburger que, abaixo, nos conta um pouco dessa experiência.

A história do Nino e sua turma se passa em um castelo que, embora faça parte do imaginário infantil, não é um elemento da cultura brasileira. Por que a opção por um castelo e até que ponto o Rá-Tim-Bum trata de questões pertinentes à cultura brasileira?

Acho que “Castelo” pode ser considerado elemento da cultura ocidental, e até oriental, árabe, quem sabe

até africana. Será que uma taba indígena não é uma espécie de Castelo? O programa trata de várias questões pertinentes a cultura brasileira, e até do folclore, pois temos a Caipora como assídua visitante do Castelo. Mas o programa não se propõe a ser um estandarte em defesa da pura cultura brasileira, que para mim, não existe. Sofremos, felizmente, influências de várias culturas, povos, épocas etc... “Riquezas são diferenças”, como diz o poeta.

Como foi o processo de escolha do tema geral do programa?

Foi a busca de algo instigante, lúdico, multicultural e “educativo”.

Em que medida a participação das crianças no Rá-Tim-Bum se difere da de outros programas infantis?

Elas são seres inteligentes, íntegras, independentes e cheia de dúvidas e contradições como qualquer um de nós.

O Nino é um menino e, no entanto, é um ator adulto que faz o personagem. Qual a razão desta escolha?

Foi uma escolha técnica naquele momento. Não precisava ser, mas funcionou. Afinal, Nino tem 300 anos de idade.

De que forma os diferentes recursos usados no Castelo Rá-Tim-Bum (animação, computação gráfica, participação de crianças, marionetes etc.) desafiam o público espectador?

Acho que estimulam pela variedade.

Rio sedia fórum internacional sobre qualidade de mídia para o público infanto-juvenil

A cidade do Rio de Janeiro acaba de sediar o maior fórum internacional de debates sobre qualidade de mídia para crianças e jovens. Entre os dias 19 e 23 de abril, a Escola Naval, na Ilha de Villegagnon, foi palco da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. O encontro, realizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro e organizado pela MULTIRIO, reuniu cerca de 2.600 pessoas em torno do tema *Mídia de todos, mídia para todos*. Outras duas mil acompanharam as principais sessões do evento pela internet, em tempo real.

Durante os quatro dias do evento, profissionais especializados, vindos de várias partes do mundo, travaram um diálogo sobre questões relativas à indústria de mídia no que diz respeito à pesquisa, fomento, financiamento e distribuição de produtos com o objetivo de torná-los acessíveis às crianças e adolescentes de todo o planeta, com a qualidade que se exige. O encontro buscou, ainda, defender que crianças e adolescentes tenham mais e melhores oportunidades de atuar e participar criticamente no consumo e na produção de mídia.

Nesse sentido foi organizado um fórum especial, Fórum dos Adolescentes, reunindo 150 adolescentes de várias regiões do mundo. Divididos em pequenos grupos, os adolescentes participaram de oficinas de produção de mídia, nas quais desenvolveram uma co-produção internacional, englobando as diferentes culturas e experiências de seus países de origem. Além disso, debateram a influência que a mídia mundial exerce sobre eles, o que sentem, vêem e ouvem e o que esperam e desejam dos meios de comunicação de massa.

Em vários pontos da Cidade Maravilhosa, eventos paralelos ligados ao tema central da Cúpula, como exposições, exhibições de filmes e debates, envolveram a população carioca. “O sucesso de público, mídia e participação foi resultado de um trabalho que vem sendo realizado há três anos, desde que o Rio foi escolhido para sediar a 4ª Cúpula. Um projeto muito ousado até então inédito na América Latina. E que, seguramente, terá uma repercussão internacional muito boa para nós e para o tema que foi colocado em discussão. Uma conquista de todos”, destacou Regina de Assis, coordenadora-geral da 4ª Cúpula.

significados que este ou aquele grupo dá àquilo que vê na mídia, entender o que para um determinado grupo é certo ou errado. Só assim, segundo o professor, se conseguirá preparar uma juventude para interagir com a dimensão mídia.

Bicho-papão ou não, o fato é que já é possível observar em diferentes produções uma forma diferente de trabalhar e representar o público infanto-juvenil, aproveitando todo seu rico universo simbólico em produções inteligentes e instigantes. “Já existe uma tentativa de captar a forma como eles pensam, sentem e agem, muito mais próxima da realidade, porque os resultados são mais eficazes e autênticos. Nos últimos dez anos tivemos várias produções infanto-juvenis interessantes neste sentido: “Confissões de Adolescente”, série adaptada do texto original da jovem Maria Mariana; os programas comandados por Serginho Groissman (Matéria-Prima e, depois, Programa Livre), a série Mundo da Lua, só para citar alguns exemplos”, diz Sirlene Reis, do MídiaTiva.

Muitas destas produções são pensadas por uma equipe multidisciplinar, algumas vezes com a espécie de consultoria de crianças e jovens. “O Castelo Rá-Tim-Bum (*ver box*), um dos grandes sucessos da TV Cultura, é um exemplo da importância de uma equipe multidisciplinar, contratada para pensar um programa de qualidade, com entretenimento e informação”, ressalta Sirlene. Mesmo enxergando mudanças, ela acredita que é necessário se constituir um sistema de produção mais responsável; mais empenhado em saber de fato quais são os direitos das crianças e os limites éticos para se tratar com crianças e jovens na mídia, e que tenha a dimensão da importância desse público que ainda está em formação. Soma-se a isso a necessidade, como apontam pesquisadores do Lopic, de se travar um diálogo entre essa indústria cultural e a academia, que tem uma vasta e permanente produção de conhecimento sobre crianças e jovens. “Na verdade, excetuando-se algumas experiências pontuais, resultantes de esforços particulares que não significam uma tendência e que não são expressão da realidade global, no Brasil, como em boa parte do mundo, a produção destinada ao público infanto-juvenil está mais preocupada em como transformar aqueles indivíduos em consumidores e adultos o mais rápido possível”, avaliam. ■

Uma nova legislação para uma nova infância

Todas as atividades realizadas em classe podem servir como atividades de recuperação

Se nos emocionamos com o talento da menina Salete¹ na televisão e nos aventuramos com as peripécias da indiazinha Tainá² no cinema, percebemos, olhando para a própria história destes veículos, o quanto a participação das crianças neles vem se modificando. Hoje há mais crianças nas “telinhas” e “telonas” e seus personagens assumem, cada vez mais, o papel de protagonistas.

Podemos pensar que esta mudança tem entre suas causas uma outra transformação, que se dá no universo mais amplo das relações e estruturas socioculturais. A criança também passou a ser mais protagonista no “mundo real”, quando o mercado de consumo passou a vê-la e comunicar-se com ela de forma direta, legitimando sua autonomia enquanto consumidora. É fácil prever que esse novo consumidor passa a ser, então, mais fortemente representado na própria mídia que se esforça em comunicar-se especificamente com ele. A criança assume um novo papel social e o próprio entendimento que temos sobre a infância e o que significa ser criança vai, assim, sofrendo transformações.

As legislações que dizem respeito às crianças vão acompanhando essas transformações, refletindo e influenciando as

novas delimitações que o papel social da criança vai adquirindo. É assim que, ao longo da história social da infância brasileira, podemos distinguir nas principais características dessas leis, três momentos distintos: no primeiro, do Descobrimento até 1920, a criança foi “objeto de caridade”³. No segundo momento, caracterizado pela época das Instituições Totais baseadas nas ideologias higienistas e eugenistas, o Estado brasileiro cria um “enorme corpo jurídico/institucional”⁴ para o atendimento da infância. O terceiro, a partir da segunda metade dos anos 1980, caracteriza-se pelo aparecimento das ONGs, pelo desmonte das instituições de atendimento do Estado e pela participação civil na feitura do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) – uma legislação específica para a criança e o adolescente a partir dos artigos 227 e 228 da Constituição promulgada em 1988. A criança passa, então, a ser vista como sujeito de direitos.

Temos assim, um novo cenário sociocultural onde a criança é vista como cidadã de direitos e inserida no mercado de consumo como um nicho precioso, um consumidor a ser seduzido. Temos, também, um novo ambiente midiático em rápida transformação onde a criança ganha um papel de destaque. Um universo no qual a criança não só é representada como poderosa e autônoma mas também onde tem seu acesso a ele cada vez mais livre e difícil de ser controlado.

Se, por um lado, esse novo ambiente cultural afasta crianças e adultos (somam-se aí outras mudanças sociais, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, que levam a um menor convívio entre crianças e seus pais), por outro, como analisam alguns autores⁵, os aproxima: adultizando crianças, infantilizando adultos e vendendo as mesmas mercadorias de consumo para ambos. Entendendo que essas mercadorias não se restringem aos produtos nas prateleiras mas abrangem, também, modelos de comportamento e ideais de satisfação pessoal, podemos dizer que tornar-se famoso e aparecer na mídia vem seduzindo crianças e adultos sem dis-

tinção. Assim, muitas crianças brasileiras já não se contentam com o papel de espectadoras na relação com a mídia e engrossam as filas de testes em agências infantis e empresas de mídia. A própria proliferação dessas agências especializadas⁶ indica o quanto essa demanda de mercado cresceu (nas duas pontas de sua clientela) e ganhou importância. Dessa forma, ao zapearmos pelos canais de televisão, não é difícil encontrarmos crianças-calouras em programas de auditório, crianças atuando, crianças dando entrevistas, crianças apresentando programas... crianças se tornando celebridades mirins.

Este é um fenômeno recente, mas em franco crescimento. Devemos, então, nos perguntar se a legislação específica para crianças e adolescentes, representada pelo ECA, abrange todas as peculiaridades dessa atividade infantil em ascensão e até que ponto está adequada às características desse novo papel que a criança passa a desempenhar na mídia. Para tal discussão se faz necessário esclarecer a confusão existente entre ser essa atividade infantil uma manifestação e expressão artística (direito garantido pela legislação em vigor), ou uma atividade que se caracterizaria como trabalho infantil. ▶

A aproximação com esta que passarei a chamar de “infância dos bastidores”, bem como seus relatos na própria mídia, indicam que trata-se de uma infância de trabalho. As relações que se estabelecem entre as crianças e seus responsáveis e as agências ou empresas de mídia são relações de trabalho com todas as suas características específicas contratuais e cotidianas. Se estão todos trabalhando nos bastidores, por que só as crianças não estariam? E se é trabalho, trabalho infantil, por que esse tipo de trabalho não gera a mesma discussão que existe em torno de outros tipos?

No ECA o trabalho infantil (para menores de 14 anos) só é permitido com o caráter de aprendizagem que se justifica por uma série de requisitos específicos que visam conciliar a experiência profissional (ou profissionalizante) e a condição peculiar de ser criança. Garantir a frequência na escola, horários e ambiente apropriados e a presença de seus responsáveis são algumas das regras explicitadas na legislação que pretende, sobretudo, proteger as crianças. Cuidado louvável e imprescindível. A pergunta passa a ser então: será esta legislação adequada e suficiente à especificidade dessa atividade?

A “infância dos bastidores” revela uma experiência de muito prazer, privilégios e *glamour* vivida e relatada pe-

las crianças. No entanto, caracteriza-se, também, por ser uma infância de sacrifício do tempo de brincar, de exigências de amadurecimento que podem ser precoces, da pressão em consequência da exposição na mídia, reestruturando suas relações pessoais e familiares, modificando completamente sua vida e seu cotidiano. O trabalho com essas crianças não me permite reprovar este tipo de atividade infantil. Muitas experiências se revelam positivas, possibilitando às crianças o ingresso em escolas melhores, o acesso a bens materiais e a ampliação e diversificação de seus contextos culturais geralmente dominados pela própria TV, exatamente aproximando-as do que consideramos uma “infância ideal”. Mas, ainda assim, essa atividade traz consequências e transformações muito próprias que mereciam ser discutidas e, talvez, cotejadas numa legislação específica.

É verdade que já há uma preocupação da 1ª Vara da Infância e da Juventude com a especificidade desse tipo de atividade, representada na forma do artigo 25, inciso IX da Portaria 12/2000, expedido pelo Juiz Dr. Siro Darlan de Oliveira, no qual se exige que a quantia ganha pela criança tenha 40% de seu valor depositado pelos responsáveis numa conta poupança em nome dela. A própria existência de tal artigo corrobora a idéia de que existem questões muito específicas que precisam estar contempladas.

Ainda assim poderíamos ir um pouco além e pensar não só na elaboração de uma legislação específica para a participação de crianças na mídia, como também na participação ativa delas em tal elaboração. Evitaríamos, assim, a contradição (levantada por muitos autores) da falta de participação direta das crianças na feitura de leis que definem seus direitos e deveres enquanto cidadãos e agentes sociais, incluindo o direito à expressão. Uma atitude como essa em relação à infância a retiraria do antigo lugar de frágil e menos capaz, dando-lhe a possibilidade de exercer (e exercitar) mais ativamente seu papel de cidadã. Se permitimos que as crianças trabalhem,

mesmo que seja na condição de aprendizes, devemos permitir, também, que exerçam seu papel de agentes sociais. E se falta a essa “infância dos bastidores” uma legislação que contemple a especificidade de sua experiência, são essas mesmas crianças, que tanto nos encantam com seus talentos, as que primeiro deveriam ser ouvidas. ■

* Psicóloga. Mestre em Psicologia - PUC-RJ.



¹ Personagem interpretada pela atriz mirim Bruna Marquezine na novela “Mulheres Apaixonadas”, exibida pela Rede Globo em 2003.

² Personagem interpretada pela atriz mirim Eunice Baia, escolhida entre crianças de uma comunidade indígena.

³ BAZÍLIO, L. C. *Infância, tutela e educação: história, política e legislação*. Rio de Janeiro: Ravil, 1998, p. 102.

⁴ Idem, p. 103

⁵ Por exemplo: POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

⁶ Como exemplo, ver sites das agências Top Kids e Talentos Brilhantes.

Entre a floresta e o mar

2ª CRE abrange bairros que vão do Alto da Boa Vista à Copacabana. Este ano mais três escolas, na área, serão inauguradas

A 2ª Coordenadoria Regional de Educação é responsável por quase 60 mil alunos, que frequentam 131 escolas e creches da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Sua área de abrangência inclui os bairros do Alto da Boa Vista, Andaraí, Botafogo, Catete, Copacabana, Cosme Velho, Estácio, Flamengo, Gávea, Glória, Grajaú, Humaitá, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Laranjeiras, Leblon, Leme, Maracanã, Praia Vermelha, Rocinha, São Conrado, Tijuca, Urca, Usina, Vidigal e Vila Isabel.

“A 2ª CRE é feminina plural. Suas curvas são definidas pelo mar e pelas florestas, inserida e dividida por maciços numa pluralidade social e cultural. É a metrópole, é a vanguarda, é a vitrine do Rio capital”, define, poeticamente, a coordenadora Maria Inêz Zain Brazuna. Para ela, o grande desafio do seu trabalho é ter uma escola sintonizada com a atualidade, “que reconheça as explosões, as disparidades, as migrações e as reorganizações do espaço urbano”, enfatiza.

Na busca de um ensino público de qualidade, a 2ª CRE trabalha dentro de um política de percepção da metrópole

onde está inserida, buscando o significado que a escola tem tanto para a comunidade quanto para a sociedade. “Diante disso, criamos em 2001 o Projeto Cidadão do Rio, programa que vem se estendendo por todo o período desta gestão. O bom funcionamento da rede é o comprometimento de uma ação política educacional sem fronteiras”, conta a professora Maria Inêz.

O trabalho desenvolvido pela 2ª CRE avança calçado no desempenho em conjunto de uma equipe formada por quase 5 mil funcionários. “O ótimo relacionamento interpe-soal, que produz um ambiente prazeroso, e a transparência nas decisões das chefias nos dá a segurança necessária para o desenvolvimento deste serviço”, acredita a assistente de Gabinete, Lucília Batista da Rocha.

As expectativas para este ano englobam a consolidação dos objetivos traçados em 2001, como o fortalecimento das instâncias de participação nas escolas. “É muito mais colher do que plantar”, observa a coordenadora. Apesar da demanda demográfica estável e da



2ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenadora: professora Maria Inêz Zain Brazuna
Praça General Alcides Souto, s/nº Lagoa - Zona Sul
(21) 2286-8593 / 2286-8160 / 2537-6827
e-mail: cre02@pcrj.rj.gov.br

falta de espaços urbanos disponíveis, a 2ª CRE terá sua estrutura ampliada, com a inauguração da EM Sérgio Vieira de Mello, na Gávea, da EM Rinaldo de Lamare, no Centro de Cidadania Rinaldo de Lamare, em São Conrado, e, possivelmente no segundo semestre, da EM Senador Corrêa, em Laranjeiras. ■



Bibliotecas Volantes

Uma Kombi, um toldo, uma mesa e quatro cadeiras. Com esses simples elementos, se forma uma Biblioteca Volante. Ao todo são nove – João Antonio, Rubem Braga, Caio Fernando Abreu, Dante Milano, Adalgisa Nery, Plínio Doyle, Mário de Andrade, Darci Ribeiro e Guimarães Rosa – e, de acordo com um roteiro previamente divulgado, percorrem o Município emprestando livros.

Os interessados devem apresentar carteira de identidade e comprovante de residência (conta de luz, gás ou telefone).

Os menores devem ter autorização, identidade e comprovante de residência do responsável.



Leitura e informação para todos

Número de visitantes em bibliotecas municipais da cidade do Rio de Janeiro passa de um milhão e deve ser ampliado com a inauguração de mais 10 unidades em bairros carentes

Os números são animadores e a cidade do Rio de Janeiro comemora. Em 2003, as 25 bibliotecas populares da Prefeitura registraram o recorde de 1.107.217 visitantes, saldo infinitamente maior do que o registrado em 1995, por exemplo, quando as unidades de leitura do município receberam pouco mais de 290 mil pessoas. Esse quadro mostra que a programação das bibliotecas - composta de conferências, debates, exposições de arte, sessões de leitura, contações de histórias, teatro de bonecos e sessões musicais - vem agra- dando em cheio.

“É um progresso não só para nossa cidade, mas para todo o País. Significa o interesse de nosso povo pelas idéias e emoções que o livro traz. Quanto mais se lê, mais se vive”, acredita o acadêmico Antonio Olinto, diretor do Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural (DGDI), que coordena as ações das bibliotecas populares e das nove unidades volantes, que levam a leitura e o saber aos bairros mais carentes. “Esse aumen-

to extraordinário se deve, principalmente, por uma exigência da própria população e pelo contínuo atendimento que a Prefeitura do Rio vem dando a essa exigência”, conclui Olinto.

Outros dois fatores estão contribuindo para esse crescimento. O primeiro deles é que desde setembro do ano passado 17 bibliotecas populares passaram a funcionar nos finais de semana. O oferecimento de serviços diferenciados é outro destaque nas bibliotecas municipais: atendimento aos deficientes visuais por meio das seções em braille, empréstimos institucionais - a hospitais, asilos e orfanatos -, a disponibilização do acervo on-line, por meio do site da Secretaria das Culturas, e o acesso livre à Internet.

Parceria - Hoje, esse novo foco de atuação é compartilhado com a comunidade, acredita Aparecida Ribeiro, chefe da biblioteca Machado de Assis, em Botafogo, na Zona Sul. “Nossa parceria com os moradores se traduz nas doações. São tantas que, devido à falta de espaço físico, repassamos vários livros a outras instituições, como presídios”. Para ela, o bom trabalho desenvolvido pela atual administração é o responsável por esse vínculo. “Tivemos um grande impulso com a gestão do professor Antonio Olinto. Temos tido o apoio necessário que acaba facilitando nosso dia-a-dia. É a nossa melhor fase e isso acaba sendo vivido também pelos frequentadores”, conta Aparecida.

De fato, os visitantes sentem esse bom momento. “Gosto de frequentar a biblioteca Machado de Assis porque aqui sou muito bem recebido. Ela é pequena e aconchegante. Desde 2000 é o local ideal para minhas pesquisas escolares”, conta o estudante Roberto Corrêa Nogueira, de 18 anos. Além de contar com um acervo de 21 mil títulos, a biblioteca municipal de Botafogo, que passou por uma grande reforma e reabriu em junho de 2003, promove debates sobre assuntos da atualidade, cursos de inglês, espanhol, língua portuguesa, teatro e massoterapia, e oficinas gratuitas de artesanato às segundas (cerâmica) e sábados (pátina).

Até o final deste ano, a Prefeitura pretende inaugurar pelo menos mais 10 Bibliotecas Populares em bairros carentes e em comunidades mais afastadas dos pontos de movimento da cidade, segundo o diretor do DGDI, Antonio Olinto. “Isso vai contribuir ainda mais para o fomento da cultura, que é base, mas também para o desenvolvimento da população como um todo e para, com isso, resolver nossos problemas básicos de fome, violência e infelicidade”, acredita. ■



Saiba mais

Confira os endereços, informações sobre todas as bibliotecas da Prefeitura e o roteiro das unidades volantes no site da Secretaria das Culturas – <http://www.rio.rj.gov.br/culturas>

Fique por dentro

- O acesso livre à Internet, para consultas e pesquisas, pode ser realizado nas bibliotecas de Copacabana, Ilha do Governador, Irajá, Paquetá, Rio Comprido e Santa Teresa.
- Com cerca de 9 mil volumes, o acervo da biblioteca José Bonifácio, na Gamboa, no Centro, contém vários exemplares para pesquisa da cultura afro.
- Um grande acervo sobre a cidade do Rio de Janeiro está presente na biblioteca Agripino Maia, no Engenho Novo (Zona Norte), que possui mais de 23 mil volumes em acervo.
- A maior biblioteca da rede é a Euclides da Cunha, na Ilha do Governador. A unidade desenvolve em parceria com ONGs a organização de cursos de teatro e manequim.
- A biblioteca Carlos Drummond de Andrade, em Copacabana, na Zona Sul, foi a pioneira da rede municipal no acesso livre à Internet.
- Com mais de 10 mil livros, a biblioteca João do Rio, em Irajá (Zona Norte), foi a primeira da rede a funcionar em um prédio construído exclusivamente para essa finalidade.
- A biblioteca Cecília Meirelles, em Jacarepaguá, na Zona Oeste, foi a primeira a ter seção em braille, que conta, hoje, com 739 exemplares, entre livros e fitas.
- A primeira biblioteca pública inaugurada no Rio de Janeiro foi a Vinícius de Moraes, no Leblon, na Zona Sul, sendo entregue à população em outubro de 1946.
- Precursora na realização de concurso de confecção de gibis de história, a biblioteca João Ribeiro, no bairro de Olaria (Zona Norte), possui um acervo de 17.707 volumes.
- A biblioteca Álvaro Moreyra, na Penha, na Zona Norte, é única a contar com uma cordelteca, para pesquisas e concursos de literatura de cordel.
- Com 1.541 volumes em acervo, a biblioteca Mário Lago, na Rocinha (Zona Sul), é a primeira da rede especializada em livros infantis.
- A biblioteca José de Alencar, em Santa Teresa, no Centro, com mais de 14 mil volumes, tem uma novidade: bazar de artesãos do bairro.

Para sua atualização

Diretrizes Curriculares Nacionais

Kit DCN

O kit é composto por um livro de bolso, com a síntese do relatório da conselheira Regina de Assis sobre o parecer CEB 04/98 e CEB 22/98; um caderno de textos, que explora de forma agradável e atraente os principais aspectos das DCNs; e duas fitas de vídeo, com a série de programas “Uma Escola do Tamanho do Mundo”.

Os textos apresentados auxiliam na definição de propostas pedagógicas e regimentos escolares, de forma a garantir princípios éticos, políticos e estéticos, num contexto teórico/metodológico, em que o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação dos processos educacionais revelem qualidade e respeito à diversidade sociocultural de alunos e professores. Em cada capítulo é possível observar diferentes tipos textuais (texto epistolar, jornalístico, humorístico etc.) que trazem atividades, dicas e reflexões para cada professor apropriar-se das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, de forma contextualizada e lúdica. Assim, chamamos a atenção dos professores para o caderno de textos do kit, que propõem uma interatividade do leitor com o conteúdo proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Os vídeos apresentam seis programas editados da série “Uma Escola do Tamanho do Mundo”, exibida em canal aberto em 2002. Além de entrevistas com especialistas e dirigentes da Secretaria Municipal de Educação, os vídeos apresentam depoimentos e experiências de professores e alunos das escolas da Rede Municipal da cidade do Rio de Janeiro.

A primeira fita apresenta as três primeiras diretrizes curriculares nacionais de educação infantil e de educação fundamental. Revela os princípios educativos da ética, da política e da estética; o conceito de identidade e a importância das teorias para a ação escolar. Neste vídeo, as professoras Regina de Assis, Sônia Fernandez, Leila Cerqueira e Leila Blanco conversam sobre estes temas, destacando os aspectos pedagógicos que devem orientar a elaboração de currículos, atendendo às demandas educativas de diferentes comunidades. Ainda nesta fita, documentários sobre os pensadores Célestin Freinet, Jean Piaget e Lev Semenovitch Vygotsky auxiliam a interpretação e compreensão de práticas pedagógicas que fazem diferença no cotidiano escolar.

Na segunda fita, o programa destaca a importância do currículo escolar, a gestão escolar e o direito à educação infantil. Depoimentos de crianças, jovens, líderes comunitários, artistas plásticos, ‘doutores da alegria’ e personalidades ligadas ao mundo infantil enriquecem o vídeo sobre a importância e o significado de ser criança nos dias de hoje. Traz ainda, um documentário muito interessante sobre a constituição do sentimento de infância, a partir da analogia histórica de alguns pensadores. Educadores como Antônio Flavio, Sônia Fernandez e Regina de Assis falam sobre currículo e planejamento dentro de uma perspectiva interdisciplinar. O prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Cesar Maia, também dá sua contribuição quando o assunto é Gestão Escolar, abordando a dimensão política e administrativa da escola pública.

O que diz a Lei:

Ensino Fundamental

Em 1996, foi aprovada no Congresso Nacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 9394/96) que disciplina a ação escolar. Esta Lei assinala que a União, em colaboração com os Estados e Municípios, deve estabelecer competências e **diretrizes** para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos, de modo a assegurar a formação básica. Além de assegurar que, na estrutura educacional, haverá um Conselho Nacional de Educação, com funções normativas e de supervisão. Desta forma, cabe à Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação exercer a sua função deliberativa sobre as **Diretrizes Curriculares Nacionais**.

Nestas diretrizes estão assegurados às unidades escolares progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa. Para gerir a escola com autonomia e responsabilidade, sem des-



caracterizar seus fins, é necessária a participação de toda a comunidade escolar. Assim, o Projeto Político-Pedagógico passa a ser a garantia da conjugação da ação escolar com o exercício de cidadania.

Vale lembrar que este projeto é uma grande oportunidade para que a comunidade escolar identifique os principais problemas da escola, as possibilidades de solução e a definição de responsabilidades coletivas e individuais, objetivando eliminar ou atenuar as “falhas” detectadas.

A organização do projeto pedagógico implica, além do processo coletivo de tomada de decisões, a opção por uma concepção de aprendizagem, de avaliação, enfim, do trabalho pedagógico que a escola quer colocar em prática. Nesta perspectiva, é importante que cada escola não perca de vista as novas demandas, pois a instituição escolar de ontem é diferente da instituição escolar de hoje. Mudou a clientela, os professores, valores, condições sociais, políticas econômicas e, conseqüentemente, as práticas escolares. Enxergar a escola com um novo *olhar* implica deixar o espaço escolar ser “invadido” pela vivência histórica de cada um e por todas as transformações ocorridas.

Educação Infantil

Propõe caminhos de interação intensa e continuada entre as instituições e as famílias, o que abre caminhos a serem explorados pelos sistemas educacionais de forma criativa e solidária, em regime de colaboração.

Em conseqüência, a política nacional para crianças de 0 a seis anos e suas famílias se fará com o apoio e a participação de todos os segmentos da sociedade, especialmente o dos profissionais da comunicação e da informação, dos Conselhos Municipais, tutelares, dos Juízes da Vara da Infância e das Associações de pais, entre outros.

Os cursos de formação de docentes para a educação infantil nos níveis médios e superior devem adaptar-se, com a maior urgência às exigências de qualificação dos educadores para as crianças de 0 a seis anos, considerando as transformações familiares e sociais, as características sempre mais acentuadas da sociedade de comunicação e informação, e suas conseqüências sobre as crianças, mesmo as de baixa renda.

ClickTV

Jogo composto de 20 pares de cartões, com ilustrações que retratam programas televisivos veiculados em canal aberto, em que os participantes devem realizar missões de “defesa” e de “ataque” sobre diferentes aspectos de programas de TV (temas, formatos, idéias, horários etc). A argumentação dos grupos de ataque e defesa será norteadada por itens sorteados na hora do jogo. Vencerá, o grupo que for mais convincente na sua argumentação.

Historicamente o jogo esteve presente na formação cultural dos povos. Todas as culturas têm jogos típicos. Cabe ao educador conhecer a importância que o jogo tem no desenvolvimento da criança e do jovem e criar alternativas metodológicas que permitam o seu uso na escola.

O jogo adquire importância no contexto escolar quando é usado sem a intenção de transmitir ou fixar conteúdos de uma disciplina. Os jogos em sala de aula colaboram para uma aprendizagem ativa, porque promovem discussões e trocas de pontos de vista. Quando o professor permite respostas divergentes ou alternativas, respeita erros, promovendo a sua análise e não simplesmente corrigindo-os ou avaliando o produto final, ativa as iniciativas produtivas dos alunos.

Piaget afirma que “o jogo é um tipo de atividade particularmente poderosa para o exercício da vida social e da atividade construtiva da criança”, e a mestre em Psicologia Escolar (USP), Maria Célia Malta Campos, comenta que “não podemos deixar de lado a importância do símbolo que age com toda sua força integradora no jogo, atividade simbólica por excelência. Abrir canais para o simbólico, não é só promover a brincadeira de “faz de conta” ou o desenho. Qualquer jogo, mesmo os que envolvem regras ou uma atividade corporal, dá espaço para a imaginação, a fantasia e a projeção de conteúdos afetivos, além, é claro, de toda a organização lógica que está ali implícita”.

Sabemos que aprender em grupo, com o outro, é mais rápido, afetivo e prazeroso. O jogo favorece a aprendizagem de qualquer novo conhecimento quando propicia:

- observar e identificar;
- comparar, classificar, conceituar, relacionar e inferir;
- planejar, prever, antecipar, registrar e contar.

É fundamental que cada professor conheça as condições e necessidades de cada estágio desses conhecimentos. Perceba o que cada criança ou jovem está dizendo cognitivamente durante o jogo, para, efetivamente, haver mediação.

O jogo pode ser uma estratégia para ‘chamar’ alunos desmotivados que não querem participar das aulas, alunos indisciplinados ou os muito tímidos, que dificilmente se expressam em público. Geralmente, nos jogos coletivos, crianças e jovens demonstram maior envolvimento com a atividade proposta e criatividade.

Este jogo, dirigido aos alunos de 5ª a 8ª série, da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, coloca em pauta como os jovens vêem a mídia, em especial a televisão. O que fazem e o que pensam a partir da programação que é oferecida para eles. Trata-se de desenvolver o pensamento crítico de crianças e adolescentes.



Professores e familiares de crianças e adolescentes devem reconhecer que a televisão ajuda a constituir conceitos, conteúdos e valores na vida moderna. E, mais do que isso, precisam estar sintonizados com o que seus alunos e filhos estão assistindo. É necessário, portanto, que estabeleçam um diálogo aberto com as crianças sobre de que forma, individual ou coletiva, elas se relacionam com a televisão.

O ClickTV provoca uma reflexão crítica sobre os programas, modo de produção e exibição que, com certeza, ampliará vários conceitos e colocará outros tantos preconceitos em discussão, nas turmas e nas escolas.

Prefeitura já tem plano de saúde

Três empresas estão habilitadas. As adesões, sem carência, devem ser feitas até 24 de maio

Os funcionários da Prefeitura do Rio, aposentados ou não, poderão contar, a partir de agora, com o Plano de Saúde do Servidor Municipal (PSSM). A iniciativa pode beneficiar até 150 mil funcionários da administração direta, de autarquias e fundações. Três companhias já estão habilitadas - Assim, Semeg e Semic. No site da Secretaria Municipal de Administração (ver ao lado) pode-se acessar informações sobre as empresas.

Quem aderir ao novo plano poderá se consultar na rede de médicos credenciada, fazer exames, cirurgias e, em caso de internação, ter direito a enfermagem. O benefício é extensivo aos familiares-cônjuge ou companheiro(a), pai, mãe, filhos e menores sob guarda ou tutela. “É um modelo inovador. O servidor poderá escolher entre os três planos habilitados, de acordo com seu interesse. E, a cada 24 meses, novas empresas serão credenciadas pela Prefeitura, aumentando o leque de opções”, revela o secretário de Administração, Índio da Costa.

Os interessados têm até o dia 24 de maio para formalizar a adesão, sem carência, em um dos estandes espalhados por vários **locais da cidade**. Após esta data, as adesões estarão sujeitas a um prazo de carência. A equipe da Secretaria Municipal de Administração (SMA) recomenda que o servidor analise cuidadosamente as propostas, pois ao escolher uma delas o funcionário deverá permanecer por um ano no mesmo plano.

Quanto às formas de pagamento, a assessoria da SMA informa que o valor de referência de cada plano é de R\$ 70. O funcionário terá um desconto de 2% na sua remuneração mensal e a Prefeitura contribuirá com 3%. O montante será administrado pelo Fundo de Assistência à Saúde do Servidor, que repassará os valores às operadoras dos planos e, quando necessário, cobrirá a **diferença** entre o desconto de 2% e o valor de referência. Quem tem duas matrículas descontará 2% em cada uma.



Secretário de Administração, Índio da Costa

Caso um funcionário resolva optar por um plano que ultrapasse os R\$ 70, a diferença será complementada com um **desconto em folha**. O pagamento relativo aos dependentes ficará integralmente a cargo do funcionário. Qualquer dúvida deve ser encaminhada à ouvidoria da SMA. ■



Secretaria Municipal de
Administração

www.rio.rj.gov.br/sma
Ouvidoria: 2503-3604

Centro Administrativo São Sebastião (CASS), Coordenadorias Regionais de Educação, Funlar, Fundação Parques e Jardins, Instituto Pereira Passos, Rio Zoo, SMTU, Planetário e Unidade de Perícia Médica de Bangu.

Exemplo: um funcionário com salário de R\$ 430, descontará R\$ 8,60 por mês. Os R\$ 61,40 restantes serão complementados pelo Fundo.

Caso o servidor opte por um plano de R\$ 120, ele descontará os 2% mais a diferença entre R\$ 120 e R\$ 70, ou seja, 2% mais R\$ 50.

Infância, juventude e mídia

A seção Tutoteca desta edição complementa a matéria de capa da **Nós da Escola**, dando dicas de livros e filmes que enfocam a relação entre o público infanto-juvenil e a mídia. Divirta-se.

LIVROS

Vizinho, Vizinha
Roger Mello

Editora Companhia das Letrinhas (2002)

Este livro mostra o que separa e o que une as pessoas nas metrópoles. Na rua do Desassossego, 38, a vizinhança é bem tranqüila. No apartamento 101, um moço lê quadrinhos, toma café e constrói uma cidade de papel. Nem percebe o rumor da vizinha do 102, que toca clarineta, cria um rinoceronte debaixo da pia e coleciona livros e coisas antigas. Eles só se vêem no final da tarde, quando se encontram no hall, trocam cumprimentos e falam do tempo. Depois, vão resolver coisas na cidade - e logo estão de volta aos seus cacarecos, guardados e manias. Como vão escapar da solidão?



Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão

Luciana E. Ostetto / Maria Isabel Leite

Editora Papyrus (2004)

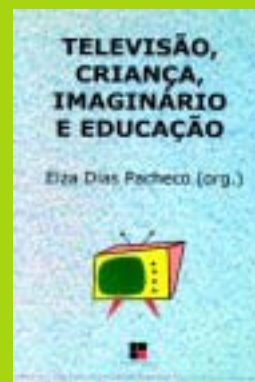
Como favorecer um espaço de criação, de formulação e vivência de significados e sentidos múltiplos no processo educativo? O conjunto de experiências das autoras com formação de professores, em tempos e espaços diversos, dentro e fora da universidade, anima o debate em torno dessa questão e foi o que suscitou a reunião dos artigos que compõem o livro.

Televisão, criança, imaginário e educação

Elza Dias Pacheco (org.)

Editora Papyrus (2000)

Coletânea que busca contextualizar o papel da televisão neste final de século. Contesta a idéia de que a TV se tornou uma “babá eletrônica”, e defende a aliança da escola - do educador, portanto - com este poderoso veículo de comunicação. Discute a necessidade de auxiliar a criança a desenvolver seu senso crítico como cidadã, para que ela participe ativamente dos processos sociais.



TV - VÍDEOS

Adeus, Meninos

Este time mostra a amizade entre dois meninos, até que os nazistas descobrem a



origem judaica de um deles e os separam violentamente. Direção de Louis Malle. Vencedor do Leão de Ouro no Festival de Veneza (Itália).

103min / ano: 1987

Central do Brasil

Mulher que escreve cartas para analfabetos na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, ajuda menino, após sua mãe ser atropelada, a tentar encontrar o pai que nunca conheceu, no interior do Nordeste. Direção de Walter Salles.

Duas indicações ao Oscar: melhor filme estrangeiro e melhor atriz (Fernanda Montenegro). Prêmio de melhor filme e melhor atriz no Festival de Berlim.

112min / ano: 1998

Pixote - A Lei do Mais Fraco

Pixote (Fernando Ramos da Silva), um menino de rua, é recolhido a um reformatório em São Paulo, de onde consegue fugir num momento de rebelião. O grupo fu-



gitivo vive de pequenos assaltos e viaja para o Rio de Janeiro, onde continua a luta pela sobrevivência no submundo. Com Marília Pera e Jardel Filho. Direção de Hector Babenco. Melhor Filme Estrangeiro do Ano pelas Associações de Críticos de Nova York e de Los Angeles. 120min / ano: 1980



ClickTV

Procure
o jogo
na sua
escola.



Discuta a TV que você vê

RIO
 **PREFEITURA**
EDUCAÇÃO **MULTIRIO**

RIO 

Jogos
Pan-americanos
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.

